

Discurso de Ana Gomes no Congresso do Partido Socialista

Matosinhos, 9 de Abril 2011

A crise política precipitada pelo PSD, com a cumplicidade de PP/PC/BE, no pior momento, atirou a imagem internacional de Portugal e dez milhões de portugueses para as ruas da amargura. Em duas semanas, além dos ataques das agências de ratings, sofreremos a indignidade de ter os nossos banqueiros a encostar os revólveres à cabeça do Governo, obrigando ao pedido de empréstimo externo.

As contrapartidas vão ser muito mais estranguladoras do que o PEC chumbado, pois estamos numa Europa diferente daquela a que aderimos, sem solidariedade nem coesão, com um Euro não sustentado por governação que impeça as economias nacionais de divergir – e a nossa, portanto, de continuar a perder competitividade. Com uma Comissão Europeia de fraquíssima liderança, submissa a directórios de geometria variável com eixo em Berlim, onde receitas neoliberais ressuscitam alarmantes preconceitos xenófobos.

Nesta União Europeia melhor fora que investíssemos na construção de alianças e sinergias com gregos, irlandeses, espanhóis e os Junckers que restam na direita a defender mais União e a Europa social, para dar resposta ao regabofe no sistema financeiro. Resposta que ainda não foi dada, e não será, se deixar no tinteiro o controlo dos "off shores", esses antros da criminalidade em que estão viciados empresas e bancos europeus, portugueses incluídos. E para criar recursos novos para investir no crescimento económico e no emprego, porque sem eles nem Portugal, nem a Europa, sairão desta crise sem precedentes.

Importa fazer ver aos chanceleres desta Europa neoliberal que se Portugal está nesta ressaca, houve bancos, empresas e cidadãos dos seus países que ajudaram à festa, com os seus governos a fazer vista grossa à teia de corrupção subjacente a muitos negócios, submarinos e não só.

Porque esta crise é também uma crise de valores. A ética, a ideologia, a Política tem de voltar a comandar a economia e as finanças. Na Europa e em Portugal. Para por a economia ao serviço das pessoas, e não as sacrificar na roleta da economia de casino. Os portugueses precisam, exigem – têm o direito – de que se lhes fale verdade. Toda a verdade.

Bem podemos, no PS, agitar as bandeiras de que nos orgulhamos, por toda a diferença que fez a governação socialista: a escola pública, o SNS, a reforma da segurança social, a desburocratização, o investimento na ciência e inovação, as energias renováveis. Mas ele há o outro lado, que ninguém responsável e credível pode deixar na sombra: os desempregados e as desempregadas, a pobreza e as desigualdades, os idosos abandonados, a juventude qualificada a emigrar, as famílias a entregar casas aos bancos, a conflitualidade social perigosamente a espreitar.

Para continuar a ter a confiança dos portugueses, é preciso que o PS assuma, com humildade, que nem tudo foram rosas na governação, nem sempre a rosa cheirou bem: o PS cometeu erros.

Assumi-los será meio caminho andado para os corrigirmos: por exemplo, a nacionalização dos ossos do BPN sem nacionalizar as empresas lucrativas do Grupo SLN. Por exemplo, o desvio e desperdício de dinheiros do Estado em consultorias e "outsourcings", a corrupção e o despilfarro em diversas empresas públicas.

Assumir erros é regenerador e as crises também são oportunidades. Vamos precisar de inculcar confiança aos portugueses para transformarem em oportunidade as brutais reformas que o empréstimo externo vai impor. O PS vai precisar de ter a coragem de dizer aos portugueses que vem aí muito trabalho, suor, e até, com certeza, lágrimas.

O PS vai ter de assegurar transparência e justiça na distribuição dos sacrifícios: quem mais

tem, é quem mais deve pagar. A começar pelos bancos e transacções financeiras que não podem continuar a ser escandalosamente privilegiadas na fiscalidade. As parcerias público/privadas têm de ser renegociadas em favor do Estado, isto é, dos contribuintes, para recuperarmos recursos e os investirmos no crescimento económico e no emprego.

Os portugueses são admiravelmente resilientes e adaptáveis, mas precisam de esperança. E para isso o PS tem de propor-lhes uma estratégia de reformas em que austeridade e sacrifícios façam sentido, num horizonte para além da crise.

Os socialistas têm motivos para se indignar com a oposição que nos precipitou no abismo. E para descreer do alheamento hoje revelado pelo Senhor Presidente da República sobre o que implica a negociação do empréstimo externo.

Mas a razão e o interesse patriótico devem prevalecer: não vai haver financiamento externo de emergência sem um compromisso nacional, o que exige um esforço de entendimento entre todos os partidos. E isto vai ter de acontecer já durante a campanha eleitoral. As negociações vão começar, vão ser duríssimas e o governo do PS vai ter de as liderar. É do interesse nacional, e do PS, que todos os partidos sejam chamados a assumir as suas responsabilidades no estabelecimento das condições da assistência financeira.

Não se trata apenas de evitar a bancarrota a curto prazo, trata-se de executar o contrato sobre as reformas internas que vier a ser acordado. E que não pode por em causa o Estado Social. E por isso precisamos do PS a liderar o Governo. Este é o próximo. Para esse entendimento inter-partidário temos de valorizar o que nos une, como portugueses, orgulhosos da nossa História, amantes desta terra e deste mar que sempre nos levou mais longe. Desejosos, todos, do melhor para os nossos filhos e netos. Que não nos perdoarão se agora falharmos.

Camaradas,

Unanimismos não servem ao PS. Empenhamento crítico, leal e construtivo é o que, como militantes, temos de dar ao PS e ao nosso Secretário Geral, José Sócrates. Também eu confio que os portugueses vão reconhecer que o PS continua a ser a força política mais capaz e mais responsável para conduzir o país perante os desafios existenciais que enfrentamos, em Portugal e na Europa.

Não temos medo das eleições! Vamos à luta!

Viva o PS!
Viva Portugal